

Observatório Psicanalítico Febrapsi

Estudo com psicanalistas integrantes do OP

Maria Elizabeth Mori,¹ Brasília
Eliane Maria Fleury Seidl,² Brasília
Eliana Rigotto Lazzarini,³ Brasília

Resumo: O cenário global atual, permeado por desafios amplos como mudança climática, pandemias, guerras e ascensão da internet, cria vulnerabilidades sociais que geram traumas, impactando no sofrimento psíquico individual e coletivo. O método clínico da psicanálise possibilita a criação de novos dispositivos para a simbolização das experiências subjetivas e coletivas, destacando o papel sensível dos psicanalistas na escuta das questões sociais contemporâneas. A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), reconhecendo sua posição privilegiada como categoria profissional, propõe o Observatório Psicanalítico (OP) como uma intervenção clínico-política com duplo sentido: na vida pública e na vida institucional. Este estudo qualitativo, com 28 psicanalistas da Febrapsi, fez uso do método de análise temática, buscando compreender o significado do OP para esses participantes. Identificou seis núcleos de sentido (grupalidade, comunicação, formação, democratização, articulação psicanálise-cultura-política, articulação psicanálise-sociedade), definidos operacionalmente a partir das respostas dos participantes. Foram identificados ainda objetivos adicionais não descritos no projeto de criação do OP.

Palavras-chave: Observatório Psicanalítico, clínica extensa, cultura, política, sociedade

- 1 Psicóloga. Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB). Doutora em psicologia clínica e cultura pela Universidade de Brasília (UNB).
- 2 Psicóloga. Professora do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB).
- 3 Psicóloga. Professora do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB).

Já se vão 100 anos de análise, as pessoas cada vez mais sensíveis e o mundo cada vez pior. Talvez seja a hora de encarar isso de frente. Ainda localizamos a psique dentro da pele. Você entra para localizá-la, examina os seus sentimentos, os seus sonhos, que só a você pertencem. Ou suas inter-relações, o intrapsíquico, entre sua psique e a minha. Estende-se um pouco aos sistemas familiares e ao ambiente de trabalho – mas a psique, a alma, ainda permanece só dentro das pessoas e entre elas. Constantemente trabalhamos nossas relações, nossos sentimentos e nossas reflexões, mas observe quanta coisa fica de fora. ... O que sobra é um mundo deteriorado. (Hillman & Ventura, 1995, p. 14)

James Hillman expressa o receio de que as psicoterapias sejam cooptadas para moldar a adaptação individual às normas sociais, negligenciando a realidade de que o mundo está em um estado doentio. Ele argumenta que os psicoterapeutas, ao se concentrarem exclusivamente na alma dos indivíduos, podem perder de vista “a alma do mundo”. A citação é uma crítica à ênfase exclusiva no indivíduo, apontando para a necessidade de também considerar as condições sociais e sistêmicas.

O panorama atual do mundo é marcado por desafios abrangentes. Mudança climática, pandemias virais e períodos de guerra coexistem com o advento da internet, das redes sociais e da disseminação de notícias falsas. Questões como violência, refugiados, feminicídios e infanticídios assolam a sociedade. O capitalismo exacerbado em grandes centros urbanos contribui para a insegurança pública, enquanto a pobreza e a fome persistem. O racismo, o preconceito e a intolerância acentuam as disparidades. Ataques às democracias, a ascensão da extrema-direita e genocídios desafiam a estabilidade política. A crise climática se manifesta em enchentes, secas, calor extremo e frio intenso. Essas imagens, diariamente veiculadas pela mídia, ecoam um apelo urgente da Terra por atenção. A crise sociopolítica contemporânea fragmenta, segrega e exclui, gerando sofrimentos coletivos.

No Brasil, a Constituição Cidadã de 1988 estabelece o compromisso do Estado com os direitos sociais. Entretanto, em 2025, mais de três décadas após sua promulgação, observamos uma efetivação insuficiente desses direitos. A sociedade brasileira se configurou a partir de privilégios concedidos a alguns, criando uma oposição aos direitos sociais para todos. Essa estrutura colonial histórica nos deixou com uma sociedade profundamente desigual, enraizada nesse conflito. A vulnerabilidade social nos conduz a situações extremas, produzindo traumas que reverberam na esfera psíquica, causando intenso sofrimento. Considerando que somos uma categoria profissional alicerçada nesse sistema de privilégios, como nós, psicanalistas, poderíamos contribuir para o enfrentamento dessa problemática, no âmbito de nossa atuação? Será isso uma utopia (Mori, 2022)?

O Sistema Único de Saúde (sus) é o maior sistema público do mundo. Entre suas políticas, a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) prevê a oferta de dispositivos sociais voltados à escuta psicológica. Entretanto, o acesso da população a esses equipamentos é limitado, fazendo com que o tratamento psicológico seja uma oportunidade para poucos em nosso país.

O interesse de Sigmund Freud pelos fenômenos sociais e pela influência deles na constituição do indivíduo marcou sua obra. Em “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?”, Freud afirma que “a psicanálise segue um método próprio, cuja aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião” (1919/2010b, p. 380).

Em “Caminhos da terapia psicanalítica” (1919/2010a), ele defendeu a universalização do acesso à psicanálise, por entender que todas as pessoas poderiam se beneficiar do trabalho analítico. Para Freud, os governos deveriam garantir clínicas públicas para a escuta de sua população. Mas como quer que “se configure essa psicoterapia para o povo, quaisquer que sejam os elementos que a componham, suas partes mais eficientes e mais importantes continuarão a ser aquelas tomadas da psicanálise rigorosa e não tendenciosa” (p. 292).

Nessa perspectiva, a Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), entidade que congrega 15 sociedades psicanalíticas brasileiras e quatro grupos de estudos, totalizando 19 instituições psicanalíticas em 11 unidades da federação, filiadas à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), criou uma ferramenta institucional para operar o método psicanalítico de clínica extensa (Herrmann, 2005), com o olhar voltado para o mundo e para a própria instituição: o Observatório Psicanalítico Febrapsi (OP).

Observatório Psicanalítico Febrapsi: criação, desenvolvimento e estado atual

Com a intenção de inserir-se no debate público psicanalítico, dialogando também com outros saberes sobre o mundo em que vivemos, além de olhar para a instituição psicanalítica e suas federadas, a Febrapsi criou em 2017 o OP, uma intervenção clínico-política com duplo sentido: na vida pública, ao se fazer presente na psicanálise brasileira, e na vida institucional.

Desde então, por meio da Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC), o OP vem ampliando a participação dos psicanalistas da federação na escrita de ensaios e em conversas no podcast *Mirante*, que articulam a psicanálise com a cultura, com um olhar sobre os acontecimentos sociopolíticos e institucionais do Brasil e do mundo. A rede participativa do OP cresceu no ano de 2023 com o ingresso de colegas de sociedades internacionais vinculadas à IPA. Essa

projeção do dispositivo na psicanálise, também internacional, fez com que o OP fosse reconhecido pela instituição (IPA, 2023), quando foi agraciado com prêmio IPA in the World Community Awards, concedido a psicanalistas que realizam trabalhos junto à comunidade, no âmbito da cultura.

Conforme documento elaborado pela equipe criadora do OP (Albuquerque et al., 2017) – composta por Cíntia Xavier de Albuquerque, Carlos Frausino e Maria Elizabeth Mori, todos pertencentes à Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb) –, apresentado à Diretoria da Febrapsi do biênio 2016-2017, o OP foi criado para intervir em dois eixos:

QUADRO 1

Objetivos iniciais do Observatório Psicanalítico

(extraídos da proposta de fevereiro de 2017, aprovada pela Febrapsi)

Eixo	Objetivo inicial
Eixo 1. Olhar psicanalítico sobre os eventos críticos do mundo contemporâneo	– Registrar o olhar psicanalítico sobre os acontecimentos (no âmbito nacional e internacional) da contemporaneidade identificados por um grupo da Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC)/Febrapsi e abertos para análise e debate de todos os membros da Federação – Contribuir para que a psicanálise esteja presente nos acontecimentos do mundo e transformar esses eventos em analisadores das circunstâncias em que vivemos
Eixo 2. Olhar psicanalítico sobre a vida institucional da Febrapsi e suas federadas	– Tornar a DCC impulsionadora da dinâmica institucional da Febrapsi – Identificar as boas práticas das federadas que têm provocado mudanças na cultura institucional, tanto no campo da gestão dos processos de trabalho quanto no modo de operar a clínica (individual, grupal, institucional)

De maneira mais atuante, a Febrapsi passou a intervir clinicamente na vida da pólis, via redes sociais, na própria instituição e, indiretamente, nas suas federadas, contribuindo para um pensar psicanalítico para todas as pessoas interessadas pelo olhar de psicanalistas a respeito dos fenômenos sociais. Após a sua aprovação pela Diretoria, em fevereiro de 2017, o primeiro grupo editor composto pelos criadores do OP se responsabilizou por: 1) monitorar os acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais do Brasil e do mundo que nos impactam e abrir espaço para a palavra de psicanalistas; 2) convidar colegas da Febrapsi para elaborar esses acontecimentos, por meio da escrita de ensaios; 3) divulgar esses textos nas redes sociais (Facebook, Instagram e site da Febrapsi), após o processo de editoria. À medida que o OP foi se tornando conhecido, os acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais

passaram a ser identificados também pelos próprios psicanalistas, que espontaneamente começaram a contribuir com o envio de textos, enquanto o convite para outras colaborações foi mantido. Para apoiar (com críticas e sugestões) as ações do grupo editor e comentar os ensaios publicados, criou-se um dispositivo complementar: o Grupo Google de emails – o GG – com a participação de psicanalistas interessados na articulação da psicanálise com a cultura, a política e a instituição. Hoje são mais de 680 psicanalistas que participam espontaneamente desse grupo.

O *modus operandi* da equipe de editoria foi se transformando paulatinamente. Em maio de 2021, a partir da experiência de condução desse processo de trabalho, o grupo editor passou a exercer a função de curadoria. Por analogia ao trabalho realizado em exposições de arte, assumiu um novo papel: além de se responsabilizar pela edição dos textos, agrupa e articula semelhanças, criando séries; organiza a publicação dos ensaios, não mais por ordem de chegada, mas definindo o momento de sua exposição, fazendo o texto chegar ao leitor com a “oportunidade e beleza que o ensaio comporta” (Mori & Gui, 2021, p. 709).

Nesse processo criativo, surgiu o dispositivo Sódepois, editorial assinado pelos membros da curadoria. O objetivo é estimular a (re)leitura dos ensaios do mês e propor novas questões. Publicado nos primeiros dias do mês seguinte, o Sódepois busca ampliar o olhar psicanalítico, ao incluir eventos impactantes acontecidos no Brasil e no mundo, não abordados nos ensaios. O termo Sódepois foi inspirado no conceito alemão *nachträglich*, usado por Freud (1893-1895/2016) ao se referir à temporalidade em psicanálise, ao processo pelo qual eventos traumáticos ganham significação para o sujeito apenas num momento posterior.

Em março de 2022, a equipe de curadoria lançou o podcast *Mirante*, a rádio OP, como mais uma estratégia de clínica extensa. Esse dispositivo procura conectar a psicanálise a outros campos do conhecimento, proporcionando um acesso mais amplo por meio da escuta de diálogos entre psicanalistas e convidados de diversas áreas. O podcast destaca a capacidade dos psicanalistas de oferecer insights além de seus consultórios, proporcionando uma escuta valiosa para um crescente público interessado na relação do pensamento psicanalítico com as questões que afligem a vida cotidiana.

No OP, o processo de elaboração sobre a época em que vivemos compreende seis tempos:

QUADRO 2
Tempos dos acontecimentos e da elaboração secundária no Observatório Psicanalítico

Tempo	Definição
Zero	Aquele dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais que nos afetam e demandam o olhar psicanalítico
Um	Ensaio de caráter autoral, que expressam a elaboração da experiência pessoal dos autores com o acontecimento
Dois	Diálogo dos psicanalistas com profissionais de outros campos do saber, no podcast <i>Mirante</i>
Três	Comentários e elaboração coletiva dialógica entre os pares no grupo de emails (GG)
Quatro	Acesso do leitor às elaborações, por meio das mídias sociais utilizadas pelo OP
Cinco	Elaboração da equipe de curadores na escrita de editoriais, o Sódepois

Até o momento, foram publicados 560 ensaios e 57 editoriais, classificados em sete categorias: cultura, editoriais Sódepois, homenagens, instituições psicanalíticas, pandemia, política e sociedade, e vidas negras importam. O *Mirante* produziu 39 episódios, distribuídos em quatro temporadas: 1) Psicanálise e cultura; 2) Relações raciais no Brasil; 3) Democracia e psicanálise; 4) O sexual na pólis (em curso).

Decorridos sete anos de existência do OP, surgiram algumas questões, que se tornaram perguntas de pesquisa: qual é o sentido atribuído ao OP pelos participantes do GG? Os objetivos inicialmente propostos estão sendo realizados?

Pesquisa em psicanálise e análise qualitativa reflexiva

A psicanálise, método clínico que permite a constante produção e revisão teórica, segue mantendo diálogo enriquecedor com outras disciplinas das humanidades que incorporam seus conceitos. Isso possibilitou à psicanálise “descobrir alguns dos seus próprios territórios que permaneciam em latência nos dispositivos standard ..., precisando se exportar e se transferir para novos objetos para continuar e manter vivo o ápice da sua epistemologia, interrogando permanentemente seus fundamentos” (Roussillon, 2019, p. 16).

Conceição (2021) destaca a legitimidade da análise temática no campo do conhecimento científico, especialmente no paradigma qualitativo e interpretativo da área da psicologia. Baseia-se nas ideias das pesquisadoras Virginia Braun e Victoria Clarke, criadoras do método de análise temática reflexiva. Para essas autoras, a presença marcante dos pesquisadores e suas perspectivas é considerada uma força, desafiando a ideia de objetividade e imparcialidade defendida pelas ciências naturais. Conceição enfatiza a importância de abordar a ciência psicológica considerando sentidos, significados, linguagem, discursos e contextos sociopolíticos. Esse enfoque contribui para uma diversidade teórica

crescente, comprometida com a justiça e os direitos sociais, especialmente em relação a populações silenciadas e excluídas do processo de produção de conhecimento. A autora ressalta que os pesquisadores devem “escutar” além dos significados linguísticos, o que exige preparação e maturidade. Considerada uma modalidade guarda-chuva devido à sua capacidade de abrigar diversas posturas teóricas e epistemológicas, a análise temática requer um processo flexível, que permita a retomada de etapas previamente concluídas.

A metodologia deste estudo adota essa perspectiva, utilizando uma abordagem qualitativa, instrumentalizada pela análise temática. A pesquisa, de caráter exploratório, teve como objetivo geral analisar o significado do OP para um grupo de psicanalistas da Febrapsi que vivenciam o dispositivo. Procurou ainda identificar os núcleos de sentido (percepções, sentimentos, julgamentos) atribuídos por psicanalistas da Febrapsi ao dispositivo OP, definindo-os operacionalmente, a partir das respostas dos participantes, bem como identificar objetivos adicionais, não descritos no projeto de criação do OP. O campo de pesquisa é conhecido pela autora principal, dada a sua implicação como coordenadora da equipe de curadoria, o que favorece o trabalho de identificação de sentidos atribuídos ao OP.

Método

Participantes

Vinte e oito psicanalistas da Febrapsi, 14 homens e 14 mulheres, participantes ativos do grupo de emails (GG) e representantes de diferentes segmentos da instituição.

Procedimentos

O convite aos participantes da pesquisa foi enviado por meio de mensagem pessoal no WhatsApp, com o seguinte texto:

Olá, colega. Convido você para participar de uma pesquisa sobre o OP. Você está sendo convidado por ser um participante ativo do grupo GG, ligado ao Observatório. Os respondentes não terão a sua identidade divulgada. Caso aceite, responda por aqui à seguinte pergunta: “Para que serve o OP?”.

Optou-se por uma pergunta aberta, de senso comum, que favorecesse a emergência dos aspectos subjetivos, apelando às percepções, sentimentos, julgamentos, associações dos participantes, uma vez que todos tinham

experiência com o dispositivo, não exigindo conhecimento sobre os fundamentos, o histórico e os objetivos formais do OP para a Febrapsi. Pretendeu-se ainda que os relatos surgissem de maneira espontânea, em face da pergunta informal do estudo: “Para que serve o OP?”.

Diante do consentimento em participar da pesquisa, os participantes enviaram suas respostas por escrito, que foram lidas na modalidade flutuante, de modo a obter a categorização dos núcleos de sentido.⁴

Resultados

A partir das respostas, foram identificados seis núcleos de sentido atribuídos pelos participantes ao OP:

QUADRO 3
Núcleos de sentido e definições operacionais

Núcleo de sentido	Definição operacional	Exemplo de resposta de participante
Grupalidade e sentimento de pertencimento	– Experiência de convivência entre colegas, criando uma atmosfera informal e livre – Redução da distância geográfica entre os membros, conectando psicanalistas de diferentes regiões, e permitindo a troca de pensamentos, sentimentos e ideias – Fortalecimento de laços internos de solidariedade – Sentimento de participar efetivamente da Febrapsi	– “Uma associação que se queira forte e que seja inclusiva, precisa de instrumentos que façam com que os membros se aproximem, se sintam participantes, se sintam ouvidos.” – “A experiência de participar do OP me permitiu conviver com um grande número de colegas com os quais eu jamais teria contato de outra maneira. Isso me levou a uma familiaridade, e posso dizer até a certa intimidade, com alguns colegas com os quais nunca tive a oportunidade de me encontrar pessoalmente.”
Comunicação e expressão de ideias	– Comunicação ágil, informal, livre e de responsabilidade individual – Laboratório de ideias, aprendizagem e reflexão psicanalítica sobre diversos temas contemporâneos, incluindo cultura, política, sociedade e psicanálise	– “O OP possibilita a circulação de ideias e o aumento do intercâmbio entre os membros a respeito das ideias que cada um tenha.”

4 Agradecemos à colaboração do psicólogo Lucas Alves de Melo do Nascimento, à época estudante de graduação de psicologia na UNB.

Núcleo de sentido	Definição operacional	Exemplo de resposta de participante
Comunicação e expressão de ideias	– Comunicação bidirecional entre a Febrapsi e seus membros, de natureza virtual – Espaço de facilitação da argumentação, exposição de ideias e elaboração de sentimentos, desafiando a tendência ao isolamento na prática profissional dos psicanalistas	– “Agora eu sei que tem um espaço de gente que vai topa construir, discutir, que vai topa pensar certas coisas, que nem todo mundo que está dentro das instituições pensa, mas que para mim é fundamental: pensar o mundo em que vivemos.” – “O OP é contemporâneo, porque tem relação íntima com os modos de comunicação atual. Antes ficávamos de certo modo dentro de uma bolha, onde dialogávamos com nós mesmos a respeito das nossas teorias, sem essa lufada de ar que é você poder ouvir outros pensadores que não somente psicanalistas.”
Espaço de formação	– Compartilhamento entre psicanalistas a respeito de temas fundamentais para a formação do profissional, muitas vezes negligenciados nas sociedades – Deslocamento do foco da individualidade do paciente para questões culturais e sociais, ampliando os horizontes além do consultório – Contraposição ao fechamento dos psicanalistas em suas sociedades locais – Debates sobre política, eventos sociais, cultura e questões da comunidade, temas muitas vezes evitados em ambientes “neutros” – Expansão da mente dos psicanalistas, reconhecendo-os como pessoas e cidadãos, contribuindo para questões sociais e ambientais	– “A primeira coisa que me vem à cabeça, com relação à função do OP, é a transmissão da psicanálise.” – “Quando eu fui escolher a minha formação em psicanálise, eu sentia que isso era uma coisa que faltava muito na formação da IPA.” – “Aos poucos, a nossa formação foi nos levando muito mais para trabalhar com temas da individualidade, do paciente que se deita no nosso divã, e a gente foi abandonando o que Freud também fazia. Essa forma, tão bem colocada pelo Freud, de fazer análise da cultura e análise dos pacientes clínicos, ao mesmo tempo.” – “Ficamos durante muito tempo fechados dentro das nossas sociedades de psicanálise, dialogando somente com os nossos pares pertencentes às instituições às quais somos filiados, ... nos omitindo com relação à política, com relação aos eventos sociais, à cultura e à comunidade na qual estamos inseridos. Eu acho que foi um erro bastante evidente, que nos isolou dos outros saberes, dos nossos pares, das nossas instituições, das universidades e de outras escolas psicanalíticas.”

Núcleo de sentido	Definição operacional	Exemplo de resposta de participante
Democratização e fortalecimento da instituição psicanalítica	– Ausência de hierarquia, o que permite contribuições de analistas em formação e mestres experientes – Ambiente inclusivo, que promove forte conexão e solidariedade entre os membros, algo refletido no estado de satisfação geral – Ferramenta promocional para a Febrapsi, incentivando membros a explorar a estrutura da federação e suas relações com outras instituições psicanalíticas no país – Influência democrática sobre a política interna de cada sociedade e da Febrapsi – Discussão livre e respeitosa sobre assuntos institucionais – Impulsionamento de mudanças e ações institucionais, incluindo projetos sociais em curso	– “O OP serve para circular suas ideias entre os outros membros. ... Hoje, com o OP, a gente tem um canal de mão dupla.” – “Na verdade, eu nem sabia que a Febrapsi existia. Eu era membro filiado e nunca tinha ouvido falar da instituição, pra ser honesta. Eu descobri quando recebi um texto do OP de alguém que mandou um link. ... Aí que fui atrás para saber o que era a Febrapsi, fui saber se eu era associada ou não da federação, como ela funcionava. E foi aí que eu comecei a entender como que era a estrutura da psicanálise, a nossa organização no Brasil. Então pra mim teve essa função de apresentar a Febrapsi.” – “Tem a questão da horizontalidade que o OP propicia com facilidade. Primeiro porque não ‘vemos’ os outros, e segundo pelo fato de ser email, como se todos estivessem no ‘mesmo’ lugar.” – “O OP passa a ter então um papel político, mexendo com a política institucional da Febrapsi e de cada sociedade. Também serviu até como oposição à Febrapsi em alguns momentos e apoio em outros.” – “O OP é em essência um espaço democrático que reúne todas as categorias de membros das sociedades e dos institutos, e festejo isso. Mas manter-se como espaço democrático é sustentar uma permanente tensão, que aparece na divergência de ideias e na diferença geracional, o que, suspeito, nem sempre é bem-vindo. As instituições e os psicanalistas são conservadores, a psicanálise como disciplina não é.”

Núcleo de sentido	Definição operacional	Exemplo de resposta de participante
Articulação psicanálise- -cultura-política	– Exploração dos aspectos culturais, sociais e políticos contemporâneos, indo além da clínica individual – Reflexão e diálogo clínico sobre questões problemáticas da sociedade e política – Espaço de construção de uma psicanálise brasileira decolonial, rompendo com limitações formais e fomentando um pensamento crítico e aberto	– “Um desafio para os psicanalistas trabalharem em temas da cultura que não eram trabalhados, principalmente para os analistas formados pela IPA, pela Febrapsi, que não tinham preocupação em fazer análise da cultura, como Freud teve.” – “Eu acho que tem esse movimento assim da psicanálise pro mundo. Da psicanálise como um fato social também. Como um elemento de cultura, um elemento de arte. Um elemento também do saber. Do saber antropológico.” – “O OP serve pra estimular a reflexão e o olhar psicanalítico sobre a extraordinária vitalidade da cultura brasileira, ... levando adiante inovações e programas de intervenção em realidades sociais injustas.”
Articulação psicanálise- -sociedade	– Influência sobre os destinos do país: denúncia de crimes e ameaças aos direitos humanos; reflexões sobre temas como escravidão, racismo, sexualidade e gênero; valorização da cultura brasileira – Conversa sobre acontecimentos mundiais, rompendo o isolamento dos psicanalistas sobre temas sociais e políticos – Diálogo com o público interessado pela psicanálise, com ampla abrangência através das redes sociais – Manifestação pública das instituições psicanalíticas – União de forças em prol de uma coletividade cidadã	– “Aos poucos o OP foi mudando, e bandeiras foram sendo levantadas, dando voz a questões (racismo, sexualidade e gênero, política partidária) de que não costumamos, publicamente, nos ocupar.” – “O OP serve para denunciar os crimes, as atrocidades, as transgressões, as ameaças aos valores e direitos humanos do atual governo brasileiro e de outros, tanto atuais como passados, cujos crimes continuam deixando sombras sobre a humanidade, como o nazismo, o fascismo, o stalinismo, e suas expressões atuais.” – “O OP serve pra unir os analistas brasileiros num espaço de reflexão, trocas, expressão de pontos de vista, com um olhar psicanalítico sobre a cultura, a política, a sociedade, o mundo e o país em que vivemos.” – “Exercer a cidadania, dando-nos conta de nossa responsabilidade por estarmos em um país com muitos problemas sociais.”

A partir dos núcleos de sentido, foi possível identificar objetivos complementares do OP, não previstos inicialmente no projeto inicial:

QUADRO 4

Outros objetivos do Observatório Psicanalítico

sugeridos pelos núcleos de sentido identificados no estudo

Núcleo de sentido	Objetivos do Observatório Psicanalítico
Grupalidade e sentimento de pertencimento	– Favorecer o sentimento de grupalidade e pertencimento à Febrapsi – Contribuir para o protagonismo dos membros em relação às instituições psicanalíticas a que pertencem e à Febrapsi – Impulsionar a dinâmica institucional Febrapsi
Comunicação e expressão de ideias	– Oferecer veículo de comunicação aos membros da Febrapsi interessados na articulação da psicanálise com a época sociopolítica, cultural e institucional atual (grupo de emails, e não de WhatsApp), veículo rápido, informal, livre e de inteira responsabilidade individual
Espaço de formação	– Contribuir para a compreensão psicanalítica das questões institucionais, sociais, políticas e culturais do país e do mundo – Estimular o debate, nas instituições psicanalíticas vinculadas à Febrapsi, sobre os temas abordados
Democratização e fortalecimento da instituição psicanalítica	– Estimular a emergência de temas relevantes para o exercício da “cidadania psicanalítica” – Implementar um processo de cogestão da instituição, por meio da participação de membros de diferentes segmentos (efetivos, associados e em formação) – Favorecer a análise crítica do funcionamento das instituições psicanalíticas – Contribuir para o protagonismo dos membros em relação à sociedade a que pertencem e à Febrapsi
Articulação psicanálise-cultura-política	– Articular a psicanálise com a política, a arte, a ciência e os projetos de responsabilidade e cultura – Contribuir para que a psicanálise esteja presente nos acontecimentos do mundo, transformando esses acontecimentos em analisadores das circunstâncias e do contexto em que vivemos
Articulação psicanálise-sociedade	– Possibilitar à Febrapsi participar de forma mais efetiva da vida social, lançando o olhar psicanalítico para acontecimentos no Brasil e no mundo – Oferecer reflexões e argumentos para a compreensão e a intervenção na sociedade brasileira

Discussão

Identificamos seis núcleos de sentido atribuídos pelos participantes, e estes também identificaram outros objetivos do OP, além daqueles previamente concebidos. Consideram que uma instituição, para se constituir e se manter viva, necessita de uma coletividade interna que respeite as diferenças individuais de seus integrantes e esteja atenta às transformações da sociedade. É crucial agenciar novos modos de convivência interpessoal e adotar dispositivos que desafiem normas enrijecidas, obsoletas, muitas vezes arraigadas nas organizações ao longo do tempo.

Vários autores se dedicaram ao pensamento da temática *grupalidade e sentimento de pertencimento*. Segundo Zavaschi e Libermann (2023), a falta de pertencimento prejudica a troca de ideias nas instituições, comprometendo o desenvolvimento geracional e a renovação de lideranças, tanto nas sociedades psicanalíticas quanto no movimento psicanalítico em geral. Para Bleger (1991), quando falamos de instituição, nos referimos ao conjunto de normas, regras e atividades agrupadas em torno dos valores e funções sociais. Pichon-Rivière (1988, 2005) contribuiu para o desenvolvimento dos conceitos de vínculo e processo grupal. O grupo operativo, outro conceito de sua autoria, está centrado na realização de tarefas ou objetivos, além do simples compartilhamento de experiências interpessoais. Desenvolveu também o conceito de matriz de identidade, representações compartilhadas por um grupo que influenciam a identidade individual dos membros. Sua teoria do vínculo operativo explora como os vínculos interpessoais afetam a produtividade e a eficácia dos grupos na consecução de suas ações conjuntas, sendo fundamentais para o funcionamento saudável de um grupo.

Kaës (1991) aborda o sofrimento institucional, originado do fato institucional (contratos, acordos e pactos inadequados estabelecidos consciente e inconscientemente), de falhas estruturais (que produzem dissimetria e desigualdades) e de características psicológicas individuais (oriundas de vicissitudes da vida, limitações, desilusões e renúncias). Para o autor, cabe às instituições fornecer formas de ilusão que garantam investimentos imaginários, identificações narcísicas e sentimentos de filiação, contribuindo para a realização dos projetos individuais. Daí a importância do tema *democratização e fortalecimento da instituição psicanalítica*, contemplado pelo OP, ao agregar membros de diferentes segmentos hierárquicos da instituição, acolhendo seus pensamentos e oferecendo espaço virtual de participação ativa.

O GG é um laboratório de ideias, de aprendizagem, com um olhar psicanalítico sobre a cultura, a política, a sociedade, o mundo, o país em que se vive e sobre questões da própria psicanálise. A temática *comunicação e expressão de ideias*, apontada pelos participantes, demonstrou que faltava uma

comunicação de mão dupla entre a Febrapsi e seus membros, unindo-os de maneira ágil e pautada numa concepção pluralista. Muitos declararam que sentiam a ausência de um espaço como o OP no processo de formação em suas sociedades. Por não estarem acostumados a dialogar com os mais graduados em suas instituições locais, alguns participantes sentiam inicialmente certa inibição de se expor no GG, escrevendo ou comentando outros ensaios, receosos de que esse espaço pudesse reproduzir a hierarquização das instituições psicanalíticas. Pensavam que nunca seriam bons o suficiente para estar no grupo e ter seus textos lidos pelos mais experientes.

Alguns escolheram a formação clínica oferecida pela IPA pelo reconhecimento internacional da instituição, mas sentem falta de um *espaço de formação* no qual possa haver debates sobre assuntos contemporâneos. Os participantes reconhecem, portanto, a necessidade de incluir na formação a articulação da psicanálise com a cultura, a política e a sociedade, tal como indicado nos núcleos respectivos. Como disse uma das participantes, os psicanalistas brasileiros da Febrapsi, durante muito tempo, permaneceram fechados em suas sociedades, dialogando somente com os pares, expressando pensamentos a respeito da clínica, da teoria psicanalítica, mas se omitindo em relação à política, aos eventos sociais, à cultura e à comunidade na qual estão inseridos. Na transmissão da psicanálise, deixaram de valorizar os escritos clássicos freudianos sobre o social e a cultura, pois a formação concentra-se em temas relacionados à individualidade do paciente que se deita no divã dos analistas. Os psicanalistas isolaram-se de outros colegas, que estão nas universidades, em outras escolas psicanalíticas e em fóruns interdisciplinares.

O OP representa, assim, o rompimento desse silêncio, dessa omissão, e passa a ser um fórum de subversão no interior da instituição, resgatando-se aquilo que é próprio da psicanálise freudiana: um olhar para a cultura!

Conclusão

O trabalho clínico do psicanalista caracteriza-se por certa contenção, própria do ofício. Correspondências, encontros presenciais, grupos de estudos, sociedades, congressos, reuniões e encontros virtuais constituem espaço público de conversa em que o profissional pode se colocar de maneira autoral nas questões da clínica, da instituição e da sociedade mais ampla. A troca livre e espontânea fortalece os laços sociais, ao mesmo tempo que mantém a transmissão viva e criativa da psicanálise.

A criação do OP, com um olhar dirigido para *fora* e para *dentro* da instituição, com a participação dos membros de diferentes segmentos (analistas em formação, associados, titulares e os que exercem função didática), fortalece a própria Febrapsi. O compartilhamento de boas práticas entre as federadas, no

âmbito da gestão dos processos de trabalho presentes na formação e na clínica, tem contribuído para produzir conhecimento sobre os feitos e os efeitos da vida institucional, referidos por muitos psicanalistas como o *quarto eixo da formação*, além dos três tradicionais: análise didática, seminários clínicos e teóricos, e supervisão clínica.

O método clínico, criado por Freud, liberta a própria psicanálise do enquadre clássico (a técnica-padrão da análise), possibilitando a construção de novos settings para que o encontro analítico aconteça da melhor maneira possível. Novos dispositivos clínicos são criados para haver simbolização das experiências subjetivas e coletivas. Novos enquadres são estabelecidos sob medida, considerando a presença dessa qualidade clínica no funcionamento do ambiente enquanto meio flexível.

O OP insere-se nessa perspectiva de clínica extensa. Como psicanalistas, somos convocados para uma escuta sensível às questões da pólis e para novas maneiras de fazer psicanálise (Mori, 2018). E assim a Febrapsi segue atuante na vida pública, incentivando seus membros a refletir sobre o mundo externo e o modo como a realidade social atravessa a psicanálise e suas instituições, fortalecendo o desenvolvimento da identidade analítica dos psicanalistas enquanto profissionais e cidadãos.

Observatorio Psicoanalítico Febrapsi: estudio con psicoanalistas miembros del OP

Resumen: El panorama global actual, marcado por desafíos como el cambio climático, pandemias, guerras y la proliferación de internet, crea vulnerabilidades sociales que generan traumas, impactando en el sufrimiento psíquico tanto a nivel individual como colectivo. El método clínico del psicoanálisis posibilita la creación de nuevos dispositivos para la simbolización de experiencias subjetivas y colectivas, resaltando el papel sensible de los psicoanalistas en la escucha de las problemáticas sociales contemporáneas. La Federación Brasileña de Psicoanálisis (Febrapsi), al reconocer su posición privilegiada como categoría profesional, propone el Observatorio Psicoanalítico (OP) como una intervención clínico-política con un doble propósito: en la vida pública y en la vida institucional. Este estudio cualitativo, con la participación de 28 psicoanalistas de la Febrapsi, utilizó el método de análisis temático con el objetivo de comprender el significado del OP para estos participantes. Se identificaron seis núcleos de significado (grupalidad, comunicación, formación, democratización, articulación psicoanálisis-cultura-política, articulación psicoanálisis-sociedad), definidos operacionalmente a partir de las respuestas de los participantes. También se identificaron objetivos adicionales no descritos en el proyecto original de creación del OP.

Palabras clave: Observatorio Psicoanalítico, clínica extensa, cultura, política, sociedad

Psychoanalytic Observatory Febrapsi: study with psychoanalysts who are members of the PO

Abstract: The current global scenario, marked by broad challenges such as climate change, pandemics, wars, and the rise of the internet, creates social vulnerabilities leading to traumas that impact individual and collective psychic suffering. The clinical method of psychoanalysis makes it possible to create new devices for symbolizing subjective and collective experiences, emphasizing the sensitive role of psychoanalysts in listening to contemporary social issues. The Brazilian Federation of Psychoanalysis (Febrapsi), recognizing its privileged position as a professional category, proposes the Psychoanalytic Observatory (PO) as a clinical-political intervention with a dual purpose: in public life and in institutional life. This qualitative study, involving 28 Febrapsi psychoanalysts, used the thematic analysis method to understand the meaning of PO for these participants. Six core themes (group dynamics, communication, training, democratization, psychoanalysis-culture-politics articulation, psychoanalysis-society articulation) were identified, operationally defined based on the participants' responses. Additional objectives not described in the creation project of PO were also identified.

Keywords: Psychoanalytic Observatory, extensive clinic, culture, politics, society

Observatoire Psychanalytique Febrapsi : étude avec des psychanalystes membres de l'OP

Résumé : Le contexte mondial actuel, marqué par des défis tels que le changement climatique, les pandémies, les guerres et la montée d'Internet, crée des vulnérabilités sociales générant des traumatismes, impactant la souffrance psychique à la fois individuelle et collective. La méthode clinique de la psychanalyse permet la création de nouveaux dispositifs pour la symbolisation des expériences subjectives et collectives, mettant en lumière le rôle sensible des psychanalystes dans l'écoute des questions sociales contemporaines. La Fédération brésilienne de psychanalyse (Febrapsi), reconnaissant sa position privilégiée en tant que catégorie professionnelle, propose l'Observatoire Psychanalytique (OP) comme une intervention clinico-politique à double sens : dans la sphère publique et dans la sphère institutionnelle. Cette étude qualitative, menée auprès de 28 psychanalystes de la Febrapsi, a utilisé la méthode d'analyse thématique pour comprendre le sens de l'OP pour ces participants. Six noyaux de sens ont été identifiés (groupalité, communication, formation, démocratisation, articulation psychanalyse-culture-politique, articulation psychanalyse-société), définis opérationnellement à partir des réponses des participants. Des objectifs supplémentaires, non décrits dans le projet initial de création de l'OP, ont également été identifiés.

Mots-clés : Observatoire Psychanalytique, clinique étendue, culture, politique, société

Referências

- Albuquerque, C. X., Frausino, C. & Mori, M. E. (2017). *Projeto Observatório Psicanalítico Febrapsi*.
- Bleger, J. (1991). O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In R. Kaës, J. Bleger, E. Enriquez, F. Fornari, P. Fustier, R. Roussillon & J.-P. Vidal, *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos* (J. Pereira Neto, Trad., pp. 59-71). Casa do Psicólogo.
- Conceição, M. I. G. (2021). Análise temática: como fazer análise qualitativa de dados qualitativos. In E. M. F. Seidl, E. Queiroz, F. Iglesias & M. Neubern (Orgs.), *Estratégias metodológicas de pesquisa em psicologia clínica: possibilidades e avanços* (pp. 67-84). CRV. <https://tinyurl.com/297ux936>
- Freud, S. (2010a). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 279-292). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010b). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 377-381). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras completas* (L. Barreto, Trad., Vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1985)
- Herrmann, F. (2005). Clínica extensa. In L. M. C. Barone (Coord.), *A psicanálise e a clínica extensa* (pp. 17-31). Casa do Psicólogo.
- Hillman, J. & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior* (N. Telles, Trad.). Summus.
- IPA. (2023). IPA prizes and awards 2004-2023. *International Psychoanalytic Association*. <https://tinyurl.com/39cc23wk>
- Kaës, R. (1991). Realidade psíquica e o sofrimento nas instituições. Em R. Kaës, J. Bleger, E. Enriquez, F. Fornari, P. Fustier, R. Roussillon & J.-P. Vidal, *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos* (J. Pereira Neto, Trad., pp. 19-56). Casa do Psicólogo.
- Mori, M. E. (2018). A clínica psicanalítica: uma prática política. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(3), 91-105.
- Mori, M. E. (Apresentadora). (2022). Direitos sociais e psicanálise (temporada 3, episódio 3) [episódio de podcast]. In *Mirante*. Febrapsi. <https://tinyurl.com/3fhhyamt>
- Mori, M. E. & Gui, R. T. (2021). A escrita psicanalítica na pandemia do coronavírus: tempos de elaboração no Observatório Psicanalítico Febrapsi. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 693-716.
- Pichon-Rivière, E. (1988). *Teoria do vínculo* (E. T. Zamikhouwsky, Trad.). Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal* (M. A. F. Velloso, Trad., 7ª ed.). Martins Fontes.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia* (P. S. Souza Jr., Trad.). Blucher.

Zavaschi, M. L. S. & Libermann, Z. (2023). A conclusão da formação analítica: uma experiência de diálogo. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 30(3), 1-18.

Recebido em 15/12/2023, aceito em 8/8/2024

Maria Elizabeth Mori
beth.mori@gmail.com

Eliane Maria Fleury Seidl
seidl@unb.br

Eliana Rigotto Lazzarini
elianalazzarini@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n1.17